

HERANÇAS MODERNISTAS E CONCRETISTAS EM ARNALDO ANTUNES

MODERNISTS INHERITANCES AND CONCRETISTS IN ARNALDO ANTUNES

Francyélle Ribeiro DA SILVA²¹

RESUMO: O presente artigo se propõe a identificar e analisar de forma breve algumas heranças modernistas e concretistas presentes na produção poética do poeta contemporâneo brasileiro Arnaldo Antunes. Para desenvolver essa reflexão, foi utilizado alguns poemas de Antunes e como subsídios teóricos os textos de Alfredo Bosi (1976), Antonio Candido (1999), Benjamin Abdala Junior (1995), Renata Magdaleno (2013), Nielson Ribeiro Modro (1996), Marcos Siscar (2005), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Arnaldo Antunes; Poesia Contemporânea Brasileira; Herança.

ABSTRACT: This article aims to identify and analyze briefly some modernists heritages and concretists present in the poetic production of contemporary Brazilian poet Arnaldo Antunes. To develop this reflection, we used some poems by Antunes and as theoretical subsidies texts by Alfredo Bosi (1976), Antonio Candido (1999), Benjamin Abdala Junior (1995), Renata Magdaleno (2013), Nielson Ribeiro Modro (1996), Marcos Siscar (2005), among others.

KEYWORDS: Arnaldo Antunes; Brazilian Contemporary Poetry; Inheritance.

1. Introdução

Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho, conhecido popularmente como Arnaldo Antunes, nasceu no dia 2 de setembro de 1960, em São Paulo. Durante a infância despertou seu interesse pelas artes e enquanto estudava no colégio de aplicação da PUC começou a desenhar e fazer seus primeiros poemas.

Em 1975, matriculado no colégio Equipe, o qual realizava um trabalho intenso de arte-educação, Antunes além de explorar ainda mais sua veia artística também conheceu e tornou-se amigo de Branco Mello, Sérgio Britto, Paulo Miklos,

²¹ Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP (2015). Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP (2012).

Ciro Pessoa, Nando Reis e Marcelo Fromer. Desde então, começou a compor em parceria com Paulo.

Ainda na década de 70 começou a cursar Letras na USP e, apesar de ser visto por seus professores como um aluno promissor na área, não concluiu o curso.

Sua trajetória musical ganhou evidência com o grupo os Titãs, do qual participou por dez anos. E somente após deixar a banda para iniciar sua carreira solo, em 1992, sua produção artística literária ganhou destaque. No entanto, anteriormente à participação nos Titãs, Arnaldo já havia se aventurado no campo literário.

Segundo Marcos Siscar (2005, p. 52), “Arnaldo Antunes, conhecido do grande público pela bem sucedida carreira *pop*, começa a publicar livros de poesia no fim dos anos 1980, explorando a visualidade e, mais tarde, o cruzamento de suportes, a tecnologia das mídias e todo o arsenal da estética formalista”. Nesta década o poeta junto com sua primeira esposa, escreveu e produziu artesanalmente, pequenos livros impressos em xerox intitulados *A flecha só tem uma chance*, *Deu na cabeça de alguém uma árvore*, *Um piano e muitas galinhas*, sendo, dessa forma, participante da popular poesia marginal. E em 1983 realmente iniciou sua trajetória poética, com a publicação de seu primeiro livro *OU E*, um álbum de poemas visuais editado artesanalmente.

2. Antunes e a herança modernista e concretista

Em uma entrevista realizada no encontro *Esquina da Palavra*, transcrita em um artigo por Daffara e Kebian (2002), Antunes afirma, ao ser questionado sobre a importância do Modernismo em sua composição, que esta estética foi uma influência importante para seu trabalho, sobretudo o poeta Oswald de Andrade pelo uso da linguagem de forma condensada e pela coloquialidade.

Em *Iniciação à literatura brasileira*, o crítico literário Antonio Candido (1999, p. 70) observa que a contribuição fundamental do Modernismo para a poesia brasileira foi a defesa da liberdade de criação e experimentação. Acrescenta que “[...] os modernistas valorizaram na poesia os temas quotidianos tratados com prosaísmo e quebraram a hierarquia dos vocábulos, adotando as expressões coloquiais mais

singelas, mesmo vulgares, para desqualificar a solenidade ou a elegância afetada [...]”.

Podemos constatar em Antunes essa valorização do tema cotidiano na poesia, a adoção de expressões coloquiais, além da influência de Oswald, principalmente em seus poemas curtos que ficam muito próximo dos *poemas pílula* ou *poemas minuto* realizados pelo poeta modernista que “[...] No aspecto formal, inovou a poesia com seus pequenos poemas, em que sempre havia um forte apelo visual [...]” (NICOLA, 1992, p. 237). Os poemas *minutos* são “[...] poemas rápidos como um *flash* ou *insight* normalmente construídos a partir de um deslocamento poético sobre algo já existente no cotidiano” (MODRO, 1996, p. 44).

O poema abaixo, sem título, é um exemplo dessa herança oswaldiana em Antunes.

Como vai?
A pé.
(ANTUNES, 1986, p. 56)

Este se assemelha aos *poemas minuto* de Oswald, pois torna evidente o deslocamento poético sobre algo existente no cotidiano, ou seja, o poeta utiliza, de forma irônica, uma pergunta culturalmente dita quando duas pessoas se encontram e a transforma em poesia.

No poema transcrito abaixo também podemos observar as influências modernistas em Antunes:

Eu apresento a página branca.

Contra:

Burocratas travestidos de poetas
Sem-graças travestidos de sérios
Anões travestidos de crianças
Complacentes travestidos de justos
Jingles travestidos de rock
Estórias travestidas de cinema
Chatos travestidos de coitados
Passivos travestidos de pacatos
Medo travestido de senso

Censores travestidos de sensores
Palavras travestidas de sentido
Palavras caladas travestidas de silencio
Obscuros travestidos de complexos
Bois travestidos de touros
Fraquezas travestidas de virtudes
Bagaços travestidos de polpa
Bagos travestidos de cérebros
Celas travestidas de lares
Paisanas travestidos de drogados
Lobos travestidos de cordeiros
Pedantes travestidos de cultos
Egos travestidos de eros
Lerdos travestidos de zen
Burrice travestida de citações
água travestida de chuva
aquário travestido de tevê
água travestida de vinho
água solta apagando o alago do fogo
água mole sem pedra dura
água parada onde estagnam os impulsos
água que turva as lentes e enferruja as lâminas
água morna do bom gosto, do bom senso e das boas intenções
insípida, amorfa, inodora, incolor
água que o comerciante esperto coloca na garrafa para diluir o whisky
água onde não há seca
água onde não há sede
água em abundância
água em excesso
água em palavras.

Eu apresento a página branca.

A árvore sem sementes.

O vidro sem nada na frente.

Contra a água.

(ANTUNES, 1993, p. 38-39)

Podemos observar que neste poema o poeta não se preocupa com a métrica e com o uso da pontuação, elementos estes que foram abandonados pelos modernistas que [...] passaram por cima das distinções entre os gêneros, injetando poesia e insólito na narrativa em prosa, abandonando as formas poéticas regulares, misturando documento e fantasia, lógica e absurdo, recorrendo ao primitivismo do folclore e ao português deformado dos imigrantes [...] (CANDIDO, 1999, p. 70).

Além disso, segundo Nielson Ribeiro Modro (1996, p. 76) este poema de maneira intertextual

[...] resgata o poema-manifesto ‘Os Sapos’, de Manuel Bandeira pois, a exemplo daquele que demonstrava a oposição que distanciava o novo poeta modernista do enfadonho poeta parnasiano, este demonstra a oposição entre o poeta sintético e o verborrágico ou, em outras palavras, estabelece os limites de diferenciação entre os ‘Burocratas travestidos de poetas’ dos verdadeiros poetas que não usam ‘água em palavras’.

Segundo Mauricio Salles Vasconcelos (1998-1999, p. 21), “[...] Antunes surge como uma refinada cria do Concretismo [...]”, pois este movimento de vanguarda liderado pelos poetas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari é uma de suas influências mais significativas.

No entanto o poeta não classifica sua poesia como concreta por acreditar que sua criação artística é inclassificável, como podemos ver no trecho transcrito abaixo

Eu acho que a minha poesia tem influências do concretismo mas não poderia ser classificada como poesia concreta. Acabam fazendo esta classificação, mas eu acho muito limitado ler a realidade sob a ótica de um movimento ou conceito. As coisas, vistas dessa maneira, ficam reduzidas. Tenho afinidade e admiração pelos poetas concretos e sou influenciado por suas obras, mas também tenho influência de outras áreas, como por exemplo, da tradição de letras de músicas da MPB, da cultura pop, do *rock and roll* e de outras áreas da literatura. Acaba sendo engraçado, pois, não tenho nenhuma pretensão de equiparar minha poesia com a dos poetas concretos. O trabalho deles é mais sofisticado. Tenho uma música no CD O Silêncio que se refere a mistura racial. Acho que define bem a forma como vejo a minha criação artística e, também, e o retorno disso: “somos inclassificáveis” (CALDEIRA, 1999).

Heloisa Buarque de Hollanda corroborando com o pensamento de Antunes salienta que “Arnaldo é talentosíssimo, tem um vasto repertório cultural. É um pensador interessantíssimo e chega assim sem necessidade nenhuma de se definir” (apud MAGDALENO, 2013).

Em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1976, p. 527), Alfredo Bosi define o concretismo com as seguintes palavras:

o Concretismo afirmou-se como antítese a vertente intimista e estetizante dos anos de 40 e repropôs temas, formas e, não raro, atitudes peculiares

ao Modernismo de 22 em sua fase mais polêmica e aderente às vanguardas européias. Os poetas concretos entendem levar até as últimas conseqüências certos processos estruturais que marcaram o futurismo, dadaísmo, e em parte o surrealismo ao menos no que este significa de exaltação do imaginário e do fazer poético. São processos que visam atingir e a explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página) e, por isso, levam a rejeitar toda a concepção que esgote nos temas ou na realidade psíquica do emissor o interesse e a valia da obra. A poesia concreta quer-se abertamente antiexpressionista.

Os poetas concretos defendiam a extinção do verso, oferecendo-nos o poema-objeto, criado a partir de recursos como: o aproveitamento da página em branco (espaço gráfico), a falta de pontuação, a palavra utilizada como objeto, rejeição da poesia discursiva/verbal/narrativa, entre outros. Assim, o “[...] concretismo rompeu com as estruturas tradicionais do poema, principalmente com a linearidade verbal, valorizando sua estrutura gráfica (o poema na página podendo ser lido de múltiplas maneiras)” (ABDALA, 1995, p. 92).

Vejamos no poema abaixo um exemplo da influência da poesia concreta em Arnaldo Antunes (1993):

a palavra não vem

pensa
pensa
pensa

e a palavra não vem

nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca

Neste poema como é comum na poesia concreta, há a valorização do espaço na página em branco, um trabalho gráfico em que há uma disposição visual

intencionalmente diferenciada e, além disso, utiliza as palavras nos aspectos semântico, sonoro e visual. Podemos dizer ainda que este poema retrata a ânsia do poeta diante da página em branco e é através da repetição das palavras “pensa” e “nunca”, as quais se ampliam, que podemos notar essa angústia. É o uso deste recurso que dá intensidade ao significado e nos permite essa leitura.

Outro poema interessante, que evidencia a relação íntima de Arnaldo com o concretismo é *da sua memória* publicado em *2 ou + corpos no mesmo espaço* (1998), que vem acompanhado de um CD:

M i l
E
M u i
T o s
O u t
R o s
R o s
T o s
S o l
T o s
P o u
C o a
P o u
C o a
P a g
A m o
M e u

A construção poética é feita através da fragmentação de vocábulos entre as linhas, ou seja, a partir da quebra dos versos, não há pontuação e/ou sinais que indiquem o início e o fim de cada palavra, é o leitor que constrói o sentido da poesia unindo os signos, assim como na poesia do Concretismo que “[...] rejeitou a expressão subjetiva e preconizou o fim do verso, com a liberdade de combinar e desarticular as palavras segundo afinidades sonoras, dispondo-as como realidade visual (CANDIDO, 1999, p. 96).

Através do recurso de segmentação das palavras se dá a desautomatização da leitura, o que causa estranhamento e exige maior atenção por parte do leitor, técnica está popular entre os poetas concretos.

Enfim, podemos dizer que Arnaldo não pode e não deve ser classificado neste ou naquele movimento e/ou estética, o poeta possui um estilo próprio, e realiza obras inovadoras ao unir várias práticas de construção poética. Suas obras são uma mescla de suas influências e, além disso, não é só poeta, pois atua em diversas áreas, além de poeta, é compositor, cantor e artista plástico. Na tentativa de classificá-lo alguns críticos e estudiosos o chamam de artista multimidiático, mas este poeta contemporâneo brasileiro de múltiplas faces está além dessa simplória nomenclatura.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin; *Movimentos e estilos literários*. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

_____. *Psia*. São Paulo: Expressão, 1986.

_____. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

CALDEIRA, Júlio Cesar; GRANDE, Renata de. *Arnaldo Antunes e a palavra*. 1999. Disponível em: <<http://www.arnaldoantunes.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: (resumo para principiantes)*. São Paulo: Humanitas, 1999.

DAFFARA, Elaine; KEBIAN, Ingrid. *A palavra certa de Arnaldo Antunes*. 2002. Disponível em: <<http://www.arnaldoantunes.com.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MAGDALENO, Renata. Uma biografia é uma história de vida. *Palavra*, Rio de Janeiro, v.1, n. 4, p. 21-61, jul. 2013.

MODRO, Nielson Ribeiro. *A obra poética de Arnaldo Antunes*. 1996. 147 fls. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira das origens aos nossos dias*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Scipione, 1992.

SISCAR, Marcos. *A cisma da poesia brasileira*. Sibila, ano 5, n. 8-9, 2005.

VASCONCELOS, Mauricio Salles. *Poesia contemporânea nacional reincidência e passagens*. Disponível em
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1175>>.
Acesso em: 23 ago. 2014.

Recebido em 15/10/2016.

Aceito em 26/12/2016.